
DO POÉTICO-MÍTICO AO POÉTICO-CIENTÍFICO: A ETERNA BUSCA DE NOSSAS ORIGENS

Márcia C. F. Fusaro Tradutora, Especialista em Língua, Literatura e Semiótica – Universidade São Judas Tadeu; Mestre em História da Ciência – PUC-SP; Professora e Coordenadora do curso de Letras - Tradutor Intérprete do Departamento de Educação na UNINOVE

Resumo

A arte e a ciência já foram consideradas duas áreas do saber sem muitas relações possíveis no meio acadêmico mais conservador. Porém, as abordagens interdisciplinares mais recentes nos mostram a possibilidade de uma interessante confluência entre ambas, uma vez que, em essência, tanto o cientista quanto o artista tocam pontos em comum em seus meios de expressão.

Palavras-chave: arte; ciência; literatura; história da ciência; interdisciplinaridade.

Abstract

Art and Science were already considered two fields of knowledge deprived of many possible relationships in conservative academic researches. However, interdisciplinary studies recently undergone show the possibility of an interesting confluence between them, because, in essence, both the scientist and the artist touch common aspects in their ways of expression.

Key words: art; science; literature; history of science; interdisciplinary research.

*“já eu quisera no límen do milênio
número três testar noutro sistema
minha gnose firmado no convênio
que a nova cosmofísica por tema
estatuíu: a explosão primeva o big-
bang - quiçá desenigme-se o dilema!”*

(Haroldo de Campos, A Máquina do Mundo
Repensada)

O momento da criação e o tempo-memória a ele atrelado vêm sendo discutidos desde que o homem adquiriu consciência da existência de um ritmo cosmológico, passando a questionar seu papel enquanto ser atuante e envolvido nesse sistema.

Ao traçarmos uma rota imaginária desde as primeiras concepções míticas gregas até as teorias científicas atuais, ousando tentar vislumbrar como se deram algumas das transições conceituais ao longo de todo esse período, vemos que a noção do processo da criação sofreu alterações conceituais segundo o modo como o homem o entendeu em diferentes contextos históricos. No entanto, o âmago dessa sondagem continua a ser o mesmo, já que, em essência, é sempre o homem, seja ele um poeta, um filósofo grego ou um cientista da atualidade, quem busca uma resposta à questão de como se deu a nossa origem.

A abordagem mítica realizada pelo poeta grego Hesíodo, em sua *Teogonia*, por exemplo, evidentemente diferencia-se do modo 'científico' como nossas origens passaram a ser vistas com o surgimento da ciência. Mas cabe aqui uma reflexão: será mesmo que a relevância da base 'poetomítica' hesiódica se dissolveu ao longo dos séculos, como querem algumas abordagens, digamos, mais positivistas? A ciência oferece, de fato, uma resposta melhor do que aquela cantada por Hesíodo quanto à origem do mundo? Temos hoje uma resposta mais satisfatória ao surgimento do universo do que aquela mostrada pelo belo linguajar poético do *aedo* grego inspirado pelas musas?

Provavelmente não. Em sua essência questionadora, identificamos em Hesíodo uma preocupação com a contextualização da conjuntura da criação, preocupação esta que continuou a perpetuar-se ao longo dos séculos e continua a incomodar muitos artistas e cientistas da atualidade, muito provavelmente pela inquietante ausência de uma resposta definitiva. Mas talvez seja justamente nessa busca interminável que se encontra a beleza real desse processo. Afinal, no cerne desse questionamento essencialmente humano, as respostas buscadas tanto pelo poeta quanto pelo cientista os remetem às mesmas questões basilares: De onde viemos? Houve um momento primordial da criação? Se houve, como foi esse momento?

Hesíodo o entende como uma sucessão de acontecimentos

atrelados ao surgimento de três gerações de deuses: Céu (primordial e caótico), Cronos (instaurador da ordem) e Zeus (submetido, enquanto filho, aos desígnios de Cronos, ou seja, do Tempo). No entanto, devido às suas inúmeras características inter-relacionadas, essas três fases cósmicas não podem (nem devem) ser entendidas sob os mesmos parâmetros de nossa cronologia moderna, regida por uma concepção quantitativa e abstrata de tempo.

Conforme Hesíodo, Cronos é um deus de 'curvo pensar'. Seu reinado, por sua própria natureza, apresenta caráter circular, fazendo com que este se curve em torno de si mesmo, dessa maneira delimitando-se e estabelecendo seu princípio cíclico. A idéia de tempo na mitologia grega surge intimamente relacionada ao conceito de memória. O *aedo* Hesíodo aborda a noção de memória por intermédio das musas, filhas de Zeus e da Memória (*Mnemosyne*). Para os gregos, o *aedo* (poeta-cantor) é um cultor da Memória, uma vez que seu canto tem o poder de superar os bloqueios e as distâncias espaciais e temporais, sendo-lhe conferido esse poder justamente pelas musas. Assim, na obra de Hesíodo, as palavras representam uma verdadeira força divina, nascida da Memória. Esta nasce, então, como uma aliada do tempo, surtindo no poeta o poder da revelação (*alethéa*) e do esquecimento (*Iesmosyne*). A teogonia hesiódica, portanto, baseia-se implicitamente na noção de temporalidade, embora a palavra 'tempo', como nós o entendemos hoje, não seja nela citada.

Esse mesmo momento primordial da criação foi chamado pela ciência do século XX de *big-bang* (grande explosão). Além de tentar explicar a questão já eleita por Hesíodo no século VIII a.C. (Qual foi a nossa origem?), a contextualização do *big-bang* encontra-se, do mesmo modo, implicitamente atrelada ao tempo e à memória enquanto sucessão de eventos. Contudo, por mais 'científica' que seja essa nova abordagem sobre nossas origens, ela continua a trazer em si o 'estigma' da ausência de uma resposta definitiva (Seria esta realmente necessária?). Ainda assim, a busca do cientista parece-nos tão bela e louvável em sua trajetória quanto aquela do poeta, ambas permeadas pelo desejo da (auto)descoberta.

Em 2000, às vésperas da virada do século XX para o XXI, o brilhante poeta e tradutor Haroldo de Campos elegeu, como um de seus temas poetizáveis, esse questionamento primordial, visto sob

uma lente científico-literária em seu *A Máquina do Mundo Repensada*. Certamente inspirado por musas atemporais que trazem consigo memórias de grandes poetas (Dante, Camões, Drummond) e de destacáveis pensadores e cientistas (Galileu, Newton, Einstein, entre outros), nosso poeta imbui-se de um papel similarmente hesiódico (e hercúleo) na abordagem de questões primordiais da busca humana, por meio da confluência artística entre literatura e ciência. Vê-se, portanto, que, longe de ser esquecido, o tema continua a ser lembrado e muito bem explorado.

Contudo, ainda que esteticamente louvável em Haroldo de Campos, tal leitura por certo não é nova. A disposição de unir ciência e arte foi demonstrada por muitos poetas-pensadores e pensadores-poetas ao longo da história, principalmente a partir do Renascimento, quando a noção moderna de ciência se consolidou no meio intelectual e passou a influenciar a arte de um modo mais consistente. É nesse período, por exemplo, que os pintores passam a preocupar-se com o emprego da perspectiva matemática em seus quadros, retratando ambientes, paisagens e a anatomia humana de uma maneira mais ‘real’.

Essa confluência não é preocupação somente de alguns cientistas mais ‘despertos’ à interdisciplinaridade do conhecimento humano. De fato, muito antes de os critérios científicos se consolidarem, já havia poetas, como o próprio grego Hesíodo, preocupados com a temática ‘científica’ do surgimento do universo. Na Grécia Antiga, essa confluência se dava mais intimamente entre a arte e a filosofia. Todavia, com o surgimento da ciência moderna, vemos poetas preocupados com os ‘rumos do fazer científico’, como o inglês Alexander Pope (1688-1744), criador do famoso epitáfio que se encontra no túmulo de Newton, em Westminster: “*Nature and Nature’s Laws lay hid in Night./God Said, ‘Let Newton be!’ and all was Light*”.¹(*apud* ROGERS, 1994: 67)

William Blake (1757-1827), poeta e artista plástico inglês, diferentemente de Pope, demonstrou aversão às idéias científicas, consideradas por ele castradoras da imaginação humana. Em uma carta a um amigo, datada de 1802, declarou: “*May God us Keep / From Single vision & Newton’s sleep!*”² (JOHNSON e GRANT, 1979: 462)

1 “A Natureza e Suas Leis escodiam-se na Escuridão. / E Deis disse: ‘Faça-se Newton!’, e Tudo se iluminou.”

2 Que Deus nos guarde / de ver com um só olho e de dormir o sono de Newton!

A possibilidade de confluir arte e ciência, parece-nos, oferece uma complementaridade desejável ao enfoque tanto da subjetividade artística quanto da 'objetividade' científica. Inúmeros cientistas de renome voltaram-se para a arte como parte de seu percurso na tentativa de entender os fenômenos naturais. Entre aqueles que apresentam uma visão mais conscienciosa em relação à importância da arte, temos, para citar apenas alguns nomes, os físicos Albert Einstein, Werner Heisenberg, Niels Bohr e David Bohm, e o químico Ilya Prigogine, laureado com o Nobel, em 1977; no Brasil, mais recentemente, o físico e crítico de arte Mário Schenberg, considerado, por ninguém menos que Albert Einstein, um dos dez maiores físicos do século XX (GOLDFARB, 1994), e cuja dedicação à confluência entre arte e ciência tem merecido teses e enfoques de destaque no meio acadêmico.³

Divulgadores de um aspecto mais amplo e mais rico do fazer científico, esses pesquisadores nos despertam para a relevância do papel da intuição e da criatividade não somente na arte, mas também na ciência. Nessa busca por respostas e, em essência, por nossas origens e rumos futuros, temos, sim, de aclamar a importância dos fatos e descobertas científicas, mas não podemos nos esquecer do aspecto intuitivo e criativo ligado à percepção humana do mundo e, por extensão, às manifestações artísticas e científicas.

Todas essas abordagens interagem em um enfoque lucidamente atual dessa temática que, conforme dissemos, passou a ser discutida pelo homem desde que este começou a questionar seu papel como ser atuante e envolvido no sistema cosmológico. A temática de nossas origens e dos rumos possíveis à humanidade certamente continuará a ocupar artistas e cientistas. Contudo, talvez a mais bela face desse processo seja o fato de ele continuar sendo perseguido pelo homem mesmo diante da quase inevitável impossibilidade de obtenção de uma resposta definitiva. De fato, para nós, talvez seja justamente a noção dessa impossibilidade que mova a lúdica essência humana a perpetuar esse (e)terno jogo pela busca de respostas.

3 Destacamos, dentre outras iniciativas de igual importância, o trabalho dos professores José Luis Goldfarb e Ana Maria Alfonso-Goldfarb, do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência da PUC-SP, incansáveis divulgadores da riqueza intelectual do Prof. Mário Schenberg.

Referências bibliográficas

- ALFONSO-GOLDFARB, A. M. *O que é História da Ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOHR, N. *Física Atômica e Conhecimento Humano*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.
- BOHM, D. *A Totalidade e a Ordem Implicada*. Trad. de Mauro de Campos Silva. São Paulo: Cultrix, 1980.
- _____. *On Creativity*. London: Routledge, 1998.
- CAMPOS, H. de. *A Máquina do Mundo Repensada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- EINSTEIN, A. *Escritos da Maturidade*. Trad. De Maria Luiza X. A. Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- GLEISER, M. *A Dança do Universo: Dos Mitos de Criação ao Big-Bang*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GOLDFARB, J. L. *Voar Também é com os Homens: O Pensamento de Mário Schenberg*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- HAWKING, S. *Breve História do Tempo Ilustrada*. Trad. de Clara Allain. Curitiba: Editora Albert Einstein Ltda., 1997.
- _____. *O Universo Numa Casca de Noz*. Trad. de I. Korytowski. São Paulo: Mandarim, 2001.
- HEISENBERG, W. *Física e Filosofia*. Trad. de Jorge Leal Ferreira. 3. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.
- _____. *A Parte e o Todo*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- HESÍODO. *Teogonia*. Trad. de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- JOHNSON, M. L.; GRANT, J. E. (eds.). *Blake's Poetry and Designs*. New York; W. W. Norton & Company, Inc., 1979.
- PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. *A Nova Aliança*. Trad. de Miguel Faria e Maria J. M. Trincheira. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de Brasília, 1997.
- PRIGOGINE, I. *O Fim das Certezas*. Trad. de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Unesp, 1996.
- ROGERS, P. (ed.). *Alexander Pope, Selected Poetry*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- SCHENBERG, M. *Pensando a Física*. São Paulo: Landy, 2001.